

A CONVERSÃO EM PORTUGUÊS, COM PARTICULAR INCIDÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DE SUBSTANTIVOS DEADJECTIVAIS

Margarita Correia

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Instituto de Linguística Teórica e Computacional
SILEX (UMR 8528 CNRS)

1. Introdução

Sendo um dos processos de formação de palavras mais disponíveis em português contemporâneo, a conversão (denominada ‘derivação imprópria’ na gramática tradicional) constitui um dos aspectos da construção de palavras menos estudados quer na tradição gramatical, quer na linguística contemporânea em Portugal. A confirmá-lo, note-se por exemplo, o tratamento que é dado a esta questão na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, onde são apresentados, como exemplos de derivação imprópria, fenómenos de natureza diversa, como será demonstrado neste trabalho.

O peso da conversão como processo de construção de palavras pode ser avaliado ao atentar-se, nos dicionários, no número de formas que equivalem a categorias morfossintácticas distintas.

A presente comunicação tem como principal objectivo chamar a atenção para uma área a merecer investigação aprofundada, contribuindo para a determinação dos tipos de conversão efectivamente disponíveis em português. Dar-se-á especial atenção à conversão adjectivo > nome, certamente a forma de conversão mais disponível em português contemporâneo.

Nesse sentido, num primeiro momento, será feita a apresentação do tratamento conferido à conversão em Cunha & Cintra 1984, seguida de um breve comentário que servirá, em simultâneo, para distinguir fenómenos que, efectivamente, relevam de conversão doutros que relevam de outros processos disponíveis para o enriquecimento do léxico.

Em seguida, após delimitar o conceito de conversão adoptado neste trabalho, delimitar-se-ão casos efectivos de conversão adjectivo > nome, por oposição a casos de mera ‘distorção categorial’ (cf. Kerleroux 1996). Por fim, caracteri-

zar-se-ão três tipos distintos de conversão de adjectival: a conversão de focalização, a conversão de abstracção e a conversão de espacialização. Ao fazer esta caracterização, contribuir-se-á para uma melhor compreensão da organização e do funcionamento da categoria dos nomes em português.

2. Tratamento da conversão na Nova Gramática do Português Contemporâneo

Em Cunha & Cintra (1984: 105-107), a conversão (denominada ‘derivação imprópria’) é inserida nos processos de formação de palavras, a par da derivação e da composição, e recebe o seguinte tratamento:

«As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. Basta, por exemplo, antepor-se o artigo a qualquer vocábulo da língua para que ele se torne um substantivo. Assim:

Ele examinou os **prós** e os **contras** da proposta.
Esperava **um sim** e recebeu **um não**.

A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras dá-se o nome de DERIVAÇÃO IMPRÓPRIA, e por ele se explica passagem:

- a) de substantivos próprios a comuns: *damasco, macadame* (de Mac Adam), *quixote*;
- b) de substantivos comuns a próprios: *Coelho, Leão, Pereira*;
- c) de adjectivos a substantivos: *capital, circular, veneziana*;
- d) de substantivos a adjectivos: *burro, (café)-concerto, (colégio)-modelo*;
- e) de substantivos, adjectivos e verbos a interjeições: *silêncio! bravo! viva!*
- f) de verbos a substantivos: *afazer, jantar, prazer*;
- g) de verbos e advérbios a conjunções: *quer... quer, já... já*;
- h) de participípios (presentes e passados) a preposições: *mediante, salvo*;
- i) de participípios (passados) a substantivos e adjectivos: *conteúdo, resolutivo*.

Observação

A rigor, a derivação imprópria (também denominada CONVERSÃO, HABILITAÇÃO ou HIPÓSTASE por linguistas modernos) não deve ser incluída entre os processos de formação de palavras que estamos examinando, pois pertence à área da semântica, e não à da morfologia.»

Cunha & Cintra (1984: 105-107)

Várias observações poderão ser feitas a propósito do tratamento proposto nesta gramática de referência da língua portuguesa.

Tendo em conta apenas os tipos de conversão propostos que envolvem classes de palavras abertas¹ quer como classe de partida, quer como classe de chegada, poderá aduzir-se o seguinte:

- i. Tendo em conta os tipos de conversão propostos nas alíneas *a)* e *b)*, rapidamente se verifica que, nestes casos, a passagem ocorre não de uma classe de palavras para outra, mas, sim, de uma subclasse de palavras para outra. Efectivamente, se se atentar na classe dos nomes em português, rapidamente se verifica que uma das subdivisões possíveis dos elementos desta classe consiste precisamente na distinção entre nomes próprios e nomes comuns. Assim sendo, aquilo que efectivamente aqui se encontra em causa é a possibilidade, aberta para praticamente todos os nomes de língua, de poderem adquirir novas significações (i. e. de se tornarem polissemicos), em virtude de processos semânticos variados, cujo estudo não cabe no âmbito desta comunicação.² A aquisição de novos significados por parte destes nomes implica a assunção de comportamentos sintácticos consentâneos com esses significados e próprios das diferentes subcategorias de unidades nominais (comuns / próprios, concretos / abstractos, contáveis / não-contáveis, colectivos / individuais).
- ii. Em rigor, a passagem de verbos a nomes apresentada na alínea *f)* não pode ser entendida como um caso de conversão, dado que a forma verbal de partida não é a forma correspondente ao radical verbal, mas, sim, uma das formas flexionadas do verbo, a sua forma de infinitivo. Assim sendo, e no quadro de uma visão modular da gramática, um tal caso deverá ser considerado como um caso de transferência de uma unidade já flexionada para a componente lexical, fenómeno descrito por D. Corbin como ‘transcategorização’ (1991: 20)³ ou como ‘desflexionação’ (D. Corbin, a publicar). Tendo em conta estes factos, apenas podem ser considerados resultantes de conversão verbo > nome, os casos de construção de palavras até agora tratados como relevando de derivação regressiva, como, de resto, foi demonstrado por Rodrigues 2001.
- iii. A assunção dos pressupostos enunciados em ii. leva, contudo, a incluir entre os casos de conversão, o dos verbos que apresentam a estrutura $[[X]_N]_V$ (exs.: *digitar*, *olear*), nos quais *-ar* (vogal temática e marca de infinitivo) não corresponde a um afixo derivacional, mas, sim, a uma marca flexional.
- iv. Também os casos de transferência descritos na alínea *i)*, quando se refere a passagem “de participios (passados) a substantivos e adjectivos” relevam de ‘transcategorização’ ou de ‘desflexionação’. Assim, a língua portuguesa permite a passagem de formas de particí-

¹ Os processos que envolvem classes fechadas de palavras são restritos na língua até pelo próprio carácter fechado das classes envolvidas e não serão alvo de análise neste trabalho.

² Encontram-se tratamentos destes tipos de polissemia (‘lógica’ ou ‘sistemática’ segundo os autores), por exemplo, em Pustejovski 1995, Nunberg & Zaenen 1997 ou Correia 1999.

³ Ao enumerar os constituintes da componente de base do léxico, D. Corbin refere que dela fazem parte: «2) la liste des mots dits « transcategorisés », c’est-à-dire ceux qui proviennent d’un autre composant de la grammaire, soit par le figement de groupes syntaxiques, éventuellement soumis à des règles sémantiques de métaphore, métonymie, etc. (*hors-la-loi*_N, *je ne sais quoi*_N), soit par le passage d’une catégorie verbale fléchie à une catégorie nominale ou adjectivale (passage de l’infinitif à la catégorie nominale, dans certaines conditions, et des participes, présent et passé, à la catégorie adjectivale) ; » – Corbin 1991: 20.

pio passado (regulares e irregulares) a adjectivos, que, posteriormente, de acordo com necessidades denominativas específicas podem, por conversão de focalização, adquirir o estatuto de substantivos.

- v. Não é referida, nesta gramática, a passagem de adjectivos a advérbios, fenómeno com algum significado em português, observável em (1) e (2):

(1) O Belmiro começou a falar *alto*.

(2) A Maria apostou *forte* no totoloto desta semana.

As observações feitas, particularmente as que constam de ii. e iii., convidam a uma reflexão mais aprofundada sobre a construção de nomes deverbais e a de verbos denominais em português. A passagem de nomes a adjectivos, enquadrável nos tipos de conversão que envolvem classes abertas de palavras, mereceria, por si só, toda uma descrição que, no entanto, não é possível levar a cabo neste âmbito, merecendo tão-só uma breve referência em 2.

3. O conceito de conversão

Não é objectivo deste trabalho questionar os pressupostos teóricos que subjazem ao próprio conceito de conversão, mas tão-só delimitar ocorrências concretas deste processo construcional em português europeu.⁴ No entanto, sempre se frisarà que a assunção de um processo de construção de palavras do tipo da conversão implica a assunção prévia de que, na delimitação de uma qualquer unidade lexical, é imprescindível a confluência de uma forma fónica, de uma categoria morfossintáctica e de um significado inerente (forçosamente estável no seio de uma dada língua).

Neste sentido, não poderão ser considerados casos de conversão aqueles em que uma dada unidade lexical adquiriu um novo significado sem, concomitantemente assumir uma nova categoria morfossintáctica. Porém, é claro que a conversão surge muitas vezes (se não sempre) associada a tipos particulares de metonímia.

No presente trabalho defende-se, então, que a conversão faz parte do morfologia construcional, dado que ela envolve, *de facto*, a criação de novas palavras pela passagem de uma categoria a outra, com aquisição, por parte do convertido, do conteúdo semântico da nova categoria, mas, também, com a aquisição do padrão flexional próprio da categoria de chegada.

Nem todos os casos de conversão são “bons exemplos” deste processo. Por exemplo, verifica-se que muitos dos adjectivos resultantes de conversão deno-

⁴ Uma discussão deste tipo, em relação à língua francesa, é apresentada em Kerleroux 1999.

minal dificilmente se adaptam ao padrão flexional próprio dos adjectivos (englobando a flexão em género – masculino e feminino – e em número). A confirmá-lo, note-se a duvidosa gramaticalidade de exemplos como:

- (3) a. ²O João é (*um*) galinha.
 b. ²Os rapazes adolescentes não são tão galinhas quanto as raparigas nessa idade.
 a. As camisas verdes são bonitas.
 b. As camisas *verdes águas / ²verdes água_Q / ^{ok}verde_Q água_Q são bonitas.

Aparentemente, a história derivacional destes adjectivos convertidos impede-os de assumirem plenamente o seu estatuto adjectival com a sua consequente “flexibilidade flexional”, isto é, com a capacidade de assumir as quatro formas distintas (masculino singular, masculino plural, feminino singular, feminino plural) que lhe permitam concordar, em qualquer circunstância com o nome que modificam.

Deste modo, importa definir uma conversão prototípica, a partir da qual poderão ser classificados outros casos de conversão como casos mais periféricos:

A conversão (prototípica) consiste na passagem de uma unidade lexical de uma categoria morfossintáctica A para uma categoria morfossintáctica B (tipicamente um substantivo), com a consequente aquisição de todas as características gramaticais da categoria de acolhimento (padrão flexional, comportamento sintáctico, conteúdo semântico e capacidade denominativa). Os exemplos seguintes são exemplos de conversão prototípica:

- (5) O verde é a cor da esperança.
 (6) A Ricardina toma sempre abatados, pelo que acho que não seria capaz de beber uma italiana.

A conversão não deve, porém, ser confundida com a elipse (fenómeno de índole predominantemente discursiva)⁵, por um lado, nem com a distorção categorial, fenómeno que consiste no caso em que uma unidade da categoria Y ocupa uma posição sintáctica etiquetada X,⁶ sem que tal uso corresponda à efectiva construção de uma nova unidade lexical por conversão, mas, sim, a uma estratégia sintáctica.

⁵ Entende-se, neste contexto, elipse como o caso em que, em certas situações de comunicação ou em certos enunciados, alguns elementos da frase podem não ser expressos, sem que, por isso, os destinatários deixem de compreender esses enunciados – cf. Dubois *et alii*, *v. g. elipse*.

⁶ «Nous avons proposé d'appeler «distorcion catégorielle» le cas où un terme de catégorie Y occupe une position étiquetée X, soit la figure générale: (58) [_X (Y)].» – F. Kerleroux 1996: 103.

4. A conversão adjectivo > nome

Sendo, de longe, o tipo de conversão mais disponível em português contemporâneo, a conversão adjectivo > nome pode, no entanto, assumir três tipos distintos, não igualmente disponíveis pelas razões que adiante se esclarecerão:

- A. conversão de focalização;
- B. conversão de abstracção;
- C. conversão de especialização.

4.1. Conversão de focalização

O conceito de “conversão de focalização” foi primeiramente apresentado em D. & P. Corbin (1991: 77). Consiste na adopção do adjectivo que denomina a qualidade que é vista como a mais relevante do objecto em causa para denominar o objecto que é portador dessa qualidade. Exs.:

- (7) *Quero um fino (estupidamente) gelado!*
- (8) *A imperial que me serviu não estava bem tirada.*
- (9) *Tire-me um descafeinado curto, s. f. f.*
- (10) *Comprei um impermeável com carapuço para levar para o Porto.*

A conversão de focalização é, de longe, o tipo de conversão mais disponível em português contemporâneo e, provavelmente, um dos processos de construção de palavras mais disponíveis, sobretudo, se forem tidos em conta os registos especializados da língua. Aparentemente não existem restrições de cariz morfológico que limitem o escopo da conversão de focalização, isto é, qualquer adjectivo, independentemente da sua estrutura interna e da sua história derivacional, é um potencial candidato a base de uma conversão de focalização.

Tal como os restantes tipos de conversão, também a conversão de focalização implica uma metonímia, na medida em que o termo que denomina a qualidade de um objecto se constitui em termo denominador do próprio objecto, o que pode ser considerado uma forma de nomear o todo pela parte.⁷ Importa descrever de forma sistemática que tipos de qualidades são passíveis, na língua portuguesa, de se constituírem em denominações das entidades que as apresentam.

⁷ Em rigor, está-se aqui a falar de sinédoque e não de metonímia. Porém, dadas as dificuldades que frequentemente se registam na distinção entre os dois conceitos, opto por tratar os dois fenómenos como casos de metonímia, de acordo, de resto, com a bibliografia anglo-saxónica a este respeito – cf. Correia 2001: 71.

4.2. Conversão de abstracção

O conceito de “conversão de abstracção” foi, também, inicialmente proposto em D. & P. Corbin (1991: 77), por oposição à conversão de focalização. De acordo com os autores, a conversão de abstracção consiste na adopção de um adjetivo para denominar (substancialmente) a qualidade correspondente, passando o produto da conversão a constituir um nome de qualidade.

Nome de qualidade é entendido, neste trabalho, como um substantivo abstracto, predicativo, sincategoremático, denominando uma entidade referencialmente dependente e com ocorrências múltiplas, e não-contável. Como os nomes em geral, também os nomes de qualidade são potencialmente polisémicos. Fundamentalmente, os nomes de qualidade *de facto* caracterizam-se por denominarem entidades que não são delimitáveis nem no tempo nem no espaço.

Verificou-se (Correia 1999) que, na língua portuguesa, os nomes de qualidade são, sobretudo, nomes deadjectivais resultantes da sufixação por meio de *-ia* (*anomalía, valentia*), *-idade* (*fecundidade, instabilidade*), *-ismo* (*baçoquismo, cinzentismo, vira-casaquismo*), *-ez* e *-eza* (*hirsutez, beleza*), *-eira* (*ton-teira, snobeira*), *-ice* (*baçoquice, meiguice*), *-idão* (*amarelidão, podridão*) e *-ura* (*abertura, friura*).⁸ Importava, então, entender de que forma poderia a língua permitir, aparentemente, a geração simultânea de pares de sinónimos deadjectivais⁹, sendo um membro do par construído por conversão e o outro por sufixação (exs.: *belo_N / beleza_N, branco_N / brancura_N*).

Verificou-se que existem casos em que a língua portuguesa não permite a construção de um nome deadjectival por sufixação, principalmente por razões fonológicas ou morfológicas. Disto são exemplos os substantivos *oco* e *animalesco* inseridos nos exemplos (11) e (12):

- (11) a) O *oco* é inimigo do cheio.
 b) ^{*P?}O *oco* cerâmico torna as peças mais frágeis.
 c) O *oco* desta jóia faz com que valha menos.
 d) O *oco* que se sente ao bater nos azulejos resulta de um mau ladrilhamento.
- (12) a) O *animalesco* é inimigo do humano.
 b. ^{*P?}O *animalesco* aparente desencoraja uma observação mais detalhada.
 c. O *animalesco* da sua aparência desencoraja qualquer aproximação.
 d. O *animalesco* que se manifesta nos seus actos impede um relacionamento afectivo normal.

⁸ Em Correia 1999 são considerados também nomes de qualidade não-construídos, para além de produtos denominais (nomes de estatuto/condição e colectivos) e produtos deverbais (nomes de acção) que podem, em algumas circunstâncias, assumir significado e comportamento sintáctico próprio de nomes de qualidade.

⁹ Note-se que, numa perspectiva estrutural do léxico, parece paradoxal e antieconómica a proliferação incontrolável de sinónimos não necessários ao sistema.

Nos casos anteriores, a impossibilidade de construir um nome de adjectival por sufixação prende-se com a insuficiência de substância fónica que permita a *oco-* constituir-se como base de derivação (no caso de *oco_N*), e com a impossibilidade de sufixar sobre adjectivos construídos por meio de *-esc-* a não ser por meio do sufixo adverbial *-mente* (no caso de *animalesco_N*).

Note-se que o carácter nominal destes derivados se manifesta na possibilidade de constituírem núcleos de sintagmas nominais, modificáveis por sintagmas preposicionais ou por orações relativas, como pode verificar-se nas alíneas c. e d. de cada exemplo. O carácter anómalo das alíneas b. dos exemplos (11) e (12) pode explicar-se pela ambiguidade resultante da ocorrência consecutiva de duas formas que podem representar um substantivo ou um adjectivo. Assim, por exemplo, os sintagmas seguintes:

(11) b. *¹²?O *oco cerâmico*

(12) b. *¹²?O *insólito ficcional*

correspondem a sintagmas em que qualquer das unidades pode funcionar como núcleo do SN, a saber, *oco* e *cerâmico* em (11) e *animalesco* ou *aparente* em (12).

Pelo contrário, nas frases de (13), *belo* não constitui um nome *de facto*, mas apenas um adjectivo que, em (13) a., ocupa a posição sintáctica de um nome, como pode verificar-se pela impossibilidade de ser modificado no caso de (13) b. por um sintagma preposicional (mas também por um adjectivo ou por uma oração relativa).

(13) a. O *belo* é o carácter do que é belo.

b. *O *belo* deste quadro reside na harmonização das cores usadas.

c. A *beleza* deste quadro reside na harmonização das cores usadas.

O verdadeiro nome de qualidade correspondente a *belo_{Adj}* é o nome construído por sufixação, *beleza*, como é facilmente verificável a partir de (13) c.

A conversão de abstracção é um subtipo de conversão de âmbito muito restrito, uma vez que apenas actua desde que se constate a impossibilidade de construir um de adjectival por sufixação, pelo que o número de adjectivos potenciais candidatos a bases desta conversão é relativamente limitado.

4.3. Conversão de espacialização

“Conversão de espacialização” é o termo aqui proposto para denominar o tipo de conversão que permite a construção dos nomes das cores em português. Esta denominação considera-se provisória e apta a ser substituída por uma que melhor expresse o conceito em causa.

Sendo as cores, do ponto de vista ontológico, das qualidades mais típicas dos objectos, pode parecer estranho não considerar os nomes das cores como nomes de qualidade *de facto* e não os incluir, portanto, na categoria dos nomes de qualidade. Porém, razões linguísticas justificam esta posição, como ficou demonstrado em Correia 1999: 134-138, seguindo Van de Velde 1996: 146-158. Efectivamente, os nomes de cores não constituem nomes da qualidade, dado apresentarem comportamento sintáctico e semântico distinto dos nomes de qualidade *de facto*, como tentarei demonstrar em seguida.

Do ponto de vista semântico, um nome de cor é passível de denominar não apenas a qualidade de cor, mas, além disso, de denominar o espaço (superfície) que é portador dessa cor – distinguindo-se, assim, estes nomes dos nomes de qualidade *de facto*. Do ponto de vista sintáctico, esta possibilidade semântica manifesta-se na leitura “concreta” que podem assumir estes nomes em exemplos do tipo do apresentado em (14) b., impossível de realizar com nomes de qualidade *de facto*, como nos exemplos (15) a. e b.:

- (14) a. O branco (= a cor branca) é a cor preferida da Fernanda Serrano.
 b. O branco deste quadro incomoda-me (= a extensão de cor branca).
 (15) a. A beleza (= qualidade de belo) das pessoas vem-lhes da alma.
 b. A beleza deste quadro perturba-me (*= extensão da beleza / ^{ok}= intensidade da beleza).

Por outro lado, a intensificação dos nomes de cor não permite a expressão da intensidade da cor, mas, sim, da extensão da superfície coberta por essa cor, como é verificável no exemplo (16), por oposição àquilo que acontece com os nomes de qualidade e que é verificável no exemplo (17):

- (16) *Este quadro tem muito branco!* (= tem uma grande porção da sua superfície de cor branca).
 (17) *Este quadro tem muita beleza!* (= tem uma beleza muito intensa).

A reforçar o carácter específico dos nomes de cor resultantes de conversão deadjectival, note-se que, à excepção de *azul*, todos os adjectivos de cor básica em português apresentam um nome de qualidade *de facto* por sufixação: *amarelidão*, *vermelhidão*, *verdura*, *brancura* / *branquidão*, *pretidão* / *negridão* / *negrura*, *roxidão*.¹⁰

¹⁰ Não sendo o roxo uma cor básica, mas o resultado da mistura de azul e vermelho, em português ele apresenta um nome básico por razões históricas explicitadas em Saïd Ali 1931: 155-162. Segundo este autor, o adjectivo *vermelho* (do lat. *vermiculus*) ocupou em português o lugar do adjectivo *roxo* para denominar a cor vermelha, pelo que a área referencial de *roxo* passou a cobrir a cor violácea, que é uma cor composta (cf. o espanhol *rojo* e o francês *rouge*).

5. Conclusão

No trabalho agora apresentado, cujo objectivo primordial foi dar conta de diferentes tipos de conversão em português, verificou-se que particularmente aqueles que envolvem verbos carecem de uma abordagem mais sistemática e esclarecedora.

Alguma luz foi, no entanto, lançada sobre o tipo conversão que permite a construção de nomes deadjectivais. Assim, postulou-se que é possível delimitar três tipos distintos de nomes deadjectivais convertidos, relevando de conversão de focalização, de conversão de abstracção e de conversão de espacialização.

Tendo sido os conceitos de conversão de focalização e de conversão de abstracção inicialmente delimitados por D. & P. Corbin 1991, o contributo deste trabalho foi procurar demonstrar que, no caso do português, a conversão de abstracção não constitui um processo construcional produtivo de modo irrestrito (gerando múltiplos pares de nomes de qualidade sinónimos), mas, sim, um processo paliativo utilizado para suprir restrições à construção de nomes sufixados, restrições resultantes, frequentemente, de razões fonológicas e morfológicas.

Por outro lado, propôs-se delimitar o conceito de conversão de espacialização, procedimento restrito à construção dos nomes de cores básicos, dado estes nomes, apesar de denominarem qualidades, apresentarem características semânticas e sintácticas muito específicas que os distinguem dos restantes nomes de qualidade.

Postas todas as questões que neste trabalho foram apenas afloradas, a conversão em português afigura-se um aliciante tema de pesquisa que importa desenvolver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSQUE, Ignacio 1999 – «El nombre común», in BOSQUE, Ignacio & Violeta DEMONTE (dirs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, 3 vols., Madrid, Editorial Espasa Calpe – vol. I, pp. 3-75.
- CORBIN, Danielle 1991 – « Introduction – La formation des mots: structures et interprétations », in *Lexique 10*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Lille, pp. 7-30.
- CORBIN, Danielle (a publicar) – *Le lexique construit*, Paris, Librairie Armand Colin.
- CORBIN, Danielle & Pierre 1991 – «Un traitement unifié de *-ier(e)*», in *Lexique 10*. Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires de Lille, pp. 61-145.
- CORREIA, Margarita 1999 – *A denominação das qualidades – contributos para a compreensão da estrutura do léxico do português*, Diss. do Doutoramento, Lisboa, Universidade de Lisboa (inédita).
- CORREIA, Margarita 2001 – «Homóníma e polissemia: contributos para a delimitação dos conceitos», in *Palavras*, n.º 19, pp. 57-75.

- DUBOIS, Jean *et alii* 1973 – *Dictionnaire de Linguistique*, Paris, Larousse.
- KERLEROUX, Françoise 1996 – *La coupure invisible: Études de syntaxe et de morphologie*, Villeneuve d'Ascq, Presses Universitaires du Septentrion.
- KERLEROUX, Françoise 1999 – « Identification d'un procédé morphologique: la conversion », in *Faits de Langues n.º 14 – La catégorisation dans les langues*, pp. 89-100.
- NUNBERG, Geoffrey & Annie ZAENEN 1997 – « La polysémie systématique dans la description lexicale, in *Langue Française*, nº 113, pp. 12-23.
- PUSTEJOVSKI, James 1995 – *The Generative Lexicon*, Cambridge Mass./Londres, The MIT Press.
- RODRIGUES, Alexandra Soares 2001 – *A construção de postverbais em português*, Águeda, Granito Editores e Livreiros.
- SAID ALI, Manuel 1931 – “Nomes de cores”, in *Revista de Philologia e de Historia*, Tomo I, 143-164.
- VAN DE VELDE, Danièle 1996 – *Le spectre nominal: des noms de matières aux noms d'abstractions*, Louvain / Paris, Éditions Peeters.

